

Lóri: uma aprendizagem

Ercília Macedo Eckel

Para Clarice Lispector,
soletrando com desvios
O livro dos prazeres.

,imaginando que ele queria me ensinar a viver em cidade grande, permiti-lhe que desse vários palpites sobre estar pronta para mim e para os outros, sobre aprender a ter alegria e conviver – e até que sugerisse como deveria me vestir ou embelezar as frutas na fruteira – das quais a maçã é minha preferida : redonda de amor da terra, vermelha de saber do céu e perigosa pra a virgindade de Eva, que sou eu mesma,

então fui ao encontro de Ulisses e senti terremoto no útero, abalo no corpo todo, arrebatando cano e veias dentro de mim e eu num choro mudo, senti-me debaixo de uma árvore calma para descansar; eu azul, azul de crepúsculo e de pornografia dos filmes explícitos – mulher é pornográfica? – então,

faz de conta que sou virgem, faz de conta que imito o mundo e me perfume de mim mesma e me envolvo em todos os cheiros há milênios, faz de conta que não tenho saudades de minha infância no interior, faz de conta que me descontrolei e solto todas as minhas amarras como um animal histérico, faz de conta que envelhecerei linda e nunca me aproximarei da morte, faz de conta que tenho o mar, a chuva, a água, o líquido e o úmido dentro e fora de mim, num abismo total, faz de conta que você não me decifra e eu te devoro, faz de conta que eu sei quem sou, quem é Ulisses e quem é você, faz de conta que eu faço milagre todos os dias, lendo muito, escrevendo e ensinando – professor nunca se aposenta --- faz de conta que estou plena e não preciso de ninguém, faz de conta que vai chover fortemente e alguma coisa vai mudar – terei uma nova vida com: liberdade, alegria, verdade, individualidade, revelação de mim mesma humana e divina, e do Deus divino, nunca humanizado,

mas será dura a espera, a passagem da secura para o úmido da chuva, de mim ou dos olhos secos para duas lágrimas e

meu maior obstáculo sou eu mesma – sou manca espiritualmente por opção – não consigo acertar o passo com o mundo, com as coisas e as pessoas ao meu redor, contudo continuo sendo, com cheiro de mulher, e doendo, pensando fundamente na convivência estreita comigo mesma e com os livros,

porém permaneço sem suor, sem sede, sem saliva, sem lágrimas, sem secreção: seca, seca – dor nenhuma, coração nenhum, angústia nenhuma, grito nenhum – por enquanto somente faltas e ausências e farpas sem condições de serem extirpadas; tudo muito lento e pesado, como elefantes difíceis de carregar.

Deus está seco, vejo ódio seco no rosto dos miseráveis – não há chuva, nem menstruação na face da terra; mas apesar de, é preciso viver, buscar a luz,

por isso, apesar de, liguei novamente para aquele número do guardanapo do bar; apesar de, posso sair para me divertir; apesar de, ele deve gostar de mim, de minha conversa, de meu corpo como ele é; apesar de, arrisco-me a fazer outra viagem e escrever este livro misturando você e tu / te; apesar de, logo estarei pronta para amar; apesar de, Cristo viveu, sofreu e ressuscitou além do Nada; apesar de, sei menos do que aparento – mas sou protegida por Ulisses e – Quem é Ulisses?

Esse Ulisses de Lóri herdou o nome do herói mais célebre de toda a Antiguidade com significados variados, como o protótipo de sabedoria, inteligência, capacidade e habilidade para desviar-se do perigo, captar o real e vencer as dificuldades com refinamento. Tinha extraordinária paciência, e domínio de si. Esse da aprendizagem pensa que sua união com Lóri fundamentaria sua felicidade. Seria como o retorno a Ítaca, nesse forte desejo de voltar para dentro de si mesmo, apropriar-se da interiorização, reintegrar-se no mais elevado de seu eu.

Assim, o Ulisses filósofo, positivo de dimensão interior, pinçado da *Odisséia* e da *Ilíada*, de Homero – com suas variantes – não deixa ninguém indiferente. Há longas pausas entre as falas. O silêncio predominante pode valer como o último limite de todas as possibilidades da inteligência. Diria Ulisses: Vou tudo suportar e sofrer resignadamente, enfrentando o desconhecido, fundamentado no perigo. *Paciência, meu coração!* (*Odisséia*, 20). E usaria a eloquência para conseguir a paz e o amor, depois de muitas provas. Mas o essencial de suas relações está no feminino. Lóri é quem passa por duras provas na aprendizagem do óbvio, embora se protejam mutuamente:

– Não, meu Ulisses não é um marinheiro bêbado, como o do mito para alguns. Meu Ulisses aprecia apenas uísque, porém sempre me faz observações: Beba devagar, Lóri. E não para cair de bêbada ou dar vexame em público. Meu lado ancestral fica feliz ao ver uma mulher sóbria, que recusa bebida, como você. Raro hoje!

Lóri acabou descobrindo, a caminho do Posto 6, que Lorerei, origem de seu apelido, vem do folclore alemão – uma personagem lendária, como as sereias-irgens da *Odisséia*, com seus encantamentos pra atrair e matar os marujos. Ulisses telefonará.

– Seria eu uma cantora mortífera, fazendo Ulisses amarrar-se ao mastro de sua nau interior ou intelectual – para defender-se de mim? Não, não pode ser. É Ulisses quem me seduz, quem me pesca com sua eloquência, com sua sabedoria e inteligência. De vez em quando me ofende, dizendo que eu sou uma mulher muito amiga, embora eu aparente estar no rigor da moda. O negócio dele é: Quem sou eu por dentro? Quem é você por dentro? Com as devidas desarticulações e sofrimento, sem atalhos, sem queimar etapas,

O Ulisses do mito tinha muita curiosidade, parecia querer saber mais através das sereias que tudo sabem. Eu, contrariamente, quero aprender tudo com Ulisses. Apropriar-me do eu dele e ele do meu eu, numa iniciação recíproca, sendo plenamente nós mesmos para enfrentarmos os perigos do extraordinário

nas coisas comuns de cada dia. Porém eu, Lóri, estou sempre adiando o meu retorno, o meu encontro com meu eu real, como fizera o Ulisses da *Odisséia* e variações. E assim procrastinando, espero – Ulisses telefonará.

Teria eu, na verdade, esse mistério de esfinge: decifra-me ou te devoro? Como eu me vejo diante do espelho? Procuo a verdade mas tenho medo dela. Busco a luz do Deus para substituir o subterrâneo de minha escuridão. Porém, ao mesmo tempo, me vejo como fêmea-enigma, devoradora. Meio animal, meio humana. Então, ao nascer o sol, banho-me no mar. Experimento o tempero do sal e testo minha coragem secreta em atravessar a porta do espelho para o outro lado de mim mesma, de minha consciência e identidade pessoal. – atrás da resposta, àquela velha pergunta: Quem sou eu?

Ulisses telefonará.

– No posto 6 comecei a observar os pescadores esvaziando suas redes e aspirei profundamente o cheiro forte e sensual dos peixes crus. Senti uma aflição imensa de viver, absorvendo aquele cheiro de maresia, azulado de vida e de morte. Sensualidade e libido. Pensei: Realmente devo ter vindo de uma linha de Loreleis. O odor dos peixes foi tão intenso que senti náuseas. Tive a impressão de que iria desmaiar de tanto amor, ao esvaziar-me também de mim. Porém meus poderes de sedução corriam risco de ser anulados pela astúcia e inteligência de meu herói, presas ao mastro de sua sabedoria. Mas tenho quase certeza: Ulisses telefonará.

Sou uma sereia no singular. Meu canto é emblemático, difícil de decifrar. Nem eu mesma me sei. Quem sou eu?

Ao contrário de Ulisses da antiguidade que procurou a feiticeira Circe para saber de seus companheiros, fui eu, Lóri, que procurei minha amiga cartomante para me orientar, pôr-me brios e me mandar erguer bem a cabeça, pois tenho talentos didáticos e graça feminina. Disse-me ela: Você deve entrar no salão de festas sozinha, de cabeça levantada pensando: Eu me basto. Eis o desafio.

E o desafio, as provas da aprendizagem podem incluir o bestiário ou animais fabulosos com as forças do instinto, do inconsciente, da libido ou de minhas emoções selvagens, divinas ou cósmicas, em sintonia, com o ritmo e os ciclos da Natureza. Assim passo pelo inseto-crisálida/cigarra, pelos elefantes, cavalo, macaco, esfinge, cão, sereia, peixe, andorinha, sabiá, até chegar ao tigre perigoso com uma flecha fincada na carne. Ulisses telefonará.

Há um cavalo preto e selvagem galopando dentro de mim, no meu corpo-casa. Às vezes trota suave e relincha tanto, que penso ser eu mesma relinchando de prazer, raiva ou dor. Temo assustar Ulisses com meu bestiário, herança de minha vida agrária ou rural, vinda de longe. De meus avós, bisavós, trisavós, tetravós. Tenho medo de cair no abismo. Cada dia que passa minha fé em que o homem se torne realmente um ser humano diminui ainda mais. Entretanto Ulisses quer que eu tenha muita fé e coragem até para cair no abismo, nas profundezas do inferno. Diz que é lá embaixo, na capacidade de sofrer, que eu vou encontrar sabedoria, o segredo das coisas, a grandeza e salvação de minha vida interior. É uma experiência de limites, só minha – de me tocar, de me sentir

– antes de tocar no mundo. Tenho que me exorcizar, devo me limpar, passar por uma prova catártica, antes de ver a luz.

Eu sou quem? Eu realmente existo? Qual minha marca, minha identidade na terra? Estas perguntas, doem fundo.

Ulisses também exercita-se no retorno para dentro de si mesmo (Ítaca) e quer que eu, Lóri, faça o mesmo. Só assim estarei pronta para ele. Eu bordo e bordo uma toalha de mesa em longas férias escolares, mas não sou nenhuma Penélope, tecendo mortalha durante o dia e desmanchando-a de noite em plano astucioso. Entretanto espero ardentemente estar pronta para receber Ulisses, antes que ele desista de mim. Essa viagem para dentro de mim mesma dói tanto que, às vezes, penso em desistir. Engraçado! É ele que me espera com paciência desmedida. Ulisses telefonará.

Na piscina do clube o silêncio percorreria quilômetros dentro de mim e de Ulisses, como se anunciasse o prelúdio de abertura à revelação, aos grandes acontecimentos. Silêncio por vezes entrecortado de olhares significativos e poucas palavras. O sol morria. De seus últimos raios me veio o encantamento, a vertigem. A realidade se fragmentou por um segundo. Então vi Ulisses transparente, viril e lindo de viver. Irreal e verossímil no silêncio – Sendo! Porém pela pouca vivência, apesar de cinco superficiais amantes, o prazer me dava medo. Era irmão gêmeo da dor e da angústia. Morder uma maçã escarlate na sua redondez, lisa, fresca, pesada – era como se entrasse no paraíso em estado de graça, e de lá saísse com os olhos esbugalhados de bem e de mal. No entanto eu existo, experimento-me. Eu me belisco e sei que existo, que você existe, que nós existimos para irradiar energia e anunciar o mundo. Mas aquele estado de graça deve vir de vez em quando, para eu não viciar como usuária do prazer. Essa felicidade deve ser momentânea. A vida e o amor me parecem agora tão espetaculares e de tal grandeza, que chegam a confundir-se com a morte.

O mundo está sendo. O Deus está sendo em sua substância invisível. Não pode ser um Deus humano, terrestre. Se for, me colocarei nele. Que aceite meu corpo, minha alma e minha dor agarrados em seu calcanhar, como *band-aid*. Estou sendo, disse também a árvore sobrevivente. Estou sendo, disse o trabalhador da favela. Estou sendo, disse o empresário. Estou sendo, disse o professor. Estou sendo, disse o funcionário da saúde. Estou sendo, disse o policial de rua. Estou sendo, disse o estudante. Estou sendo, disse a criança com seu brinquedo. Estou sendo, disse a mãe com seu filho vivo ou morto. Estou sendo, disse o motorista. Estou sendo, disse o vendedor. Estou sendo, disse a flor. Também a abelha. Estou sendo, murmurou a água transparente. Estou sendo, disse a doméstica. Estou fascinada com o estar sendo, quase hipnotizada com minha extrema individualidade e com a individualidade de cada ser – existindo. Este é um grande passo no caminho da aprendizagem, a página mais importante do livro dos prazeres.

Houve uma revelação na vertigem. Da penumbra, do crepúsculo, veio uma luz tão forte que aparentava amanhecer. Porque sem luz não há visão, nem conhecimento do ser. A evolução das trevas de Lóri para a luz indica seu progresso individual e sua iluminação espiritual. Mas Ulisses telefonará,

não serei a mesma, depois da piscina com ele e de haver entrado no mar, antes de nascer o sol. Meus olhos permaneceriam arregalados a noite toda. Senti saudades do que viria a ser e do que já tinha sido há milênios. Como a felicidade é momentânea, aquela noite foi a noite escura dos solitários. E meu anjo da guarda tinha que ser eu mesma, na dor de tornar-me humana. Eu-mulher. Finalmente o sono me pegou. Sonhei. Corpo-a-corpo comigo mesma, na busca da individualização e totalidade de meu ser de forma efetiva,

Entro no mar lentamente e sozinha. Prossigo nas águas desconhecidas. Minha coragem aumenta. Deixo-me cobrir de ondas. Tudo líquido, água por dentro, água por fora, escorregando, fertilizando. Ritual antigo, ancestral. Agora eu sou eu mesma: ondas me batem e voltam. Batem e voltam porque sou sólida. Sou uma nova criatura. Me batizei nas águas salgadas do mar – por dentro e por fora. Mas não me esqueço de que o mar é um perigo tão antigo, quanto ser no mundo.

Até 37/38 anos de idade eu seguia fielmente a religião de minha infância, na qual aprendera a ler e escrever. Depois de muitos transtornos pessoais, passei para a não-religião. Hoje acredito e me colo numa força infinita, de sabedoria inexplicável,

Substantiva, presente no mundo e nos seres. Também sou minha substância e nela um fragmento do Deus. Tenho necessidade de ser em essência o que sou e como sou. Mas qual é minha substância, meu modo de ser próprio? Na falta de resposta, me utilizo de uma máscara – “persona” de alegria, conhecimento, descontração e bondade. Porém este disfarce, este ocultamento e esta maquiagem podem desaparecer a qualquer hora. Em outras ocasiões, lavo o rosto, miro-me no espelho e a “persona” está lá, colada, com cara de macaca, olhando quilômetros dentro de mim.

– Que há? perguntei-lhe.

– Pensa que ainda estou de quatro e a inteligência não se manifestou em mim, mulher-macaca? Confrontei-me. Como é difícil ser profundamente, sem máscara, de rosto nu e cara lavada. Melhor tomar uma pílula de fazer dormir. Ulisses telefonará.

– Você não sabe estar viva através do prazer, somente através da dor. Corta vínculos e evita a multidão. Você deve saber-se e sentir a dois, ser dois em um. E só será minha, quando quiser e estiver pronta.

Ela refletiu: As frutas também passam da hora de ser colhidas. Caem de poderes. Foi ao encontro de Ulisses, antes que fosse tarde. Sem máscara. Não estava mais seca, suave em bica.

Lóri pensou: Quem tem capacidade de sofrer intensamente, também será capaz de amar intensamente.

Ulisses se ajoelhou diante de dela como se ajoelhasse diante da Pietà – de uma santa que tinha sua cabeça (dele) entre as pernas.

– A porta está aberta para a liberdade. E eu existo. Você existe. Ambos somos iniciados. Disse Ulisses.

– Você me seduziu. Eu mordi a fruta. E me tornei mulher. Deixei escorrer minha solidão há muito tempo aprisionada e você nem reclamou do escuro. Silêncio e perigo da entrega. Uma, duas, três vezes com alegria, sem

alegria. Tenho medo de dormir enfeitada de estrelas em águas translúcidas e acordar em águas negras. Silêncio. Olhei para Ulisses. Ele estava inteiro. *Eu é ele, ele é eu. Nós é um*, de igual para igual. Na soleira da porta para uma nova vida, pálidos e belos, vivemos e sofremos de amor. Me segura na terra, para eu não me levantar!

Lóri diz que imita o mundo se perfumando cercada de sabedoria instintiva, quase religiosa dos odores mais variados. E faz sua aprendizagem desde a terra perfumada com mil flores esmagadas na fome do existir, até o cheiro do jasmineiro que exalava o próprio perfume dela. Lóri animal e vegetal na escalada de revelações anunciadas (epifanias) por tantos odores, pela inquietação das árvores, pela água que molha seu corpo. Água da piscina, do mar, da chuva. E muito perfume que antecede as grandes revelações e redescobertas. Interpretações de seu apocalipse interior, para que Lóri possa ressurgir: *Sou hoje outra mulher*. Gaivotas trazem a luz do dia. Sabiás voltam aos ninhos e começam a cantar, apesar de fêmeas. Andorinhas, que de tão puras não tocam a terra, anunciam a primavera e a ressurreição,

– Ulisses telefonará. Pensa Lóri. E acrescentou:

– Minha cor agora é o vermelho do Eros livre e triunfante: suéter vermelho para mim e meus alunos, guarda-chuvas vermelhos, meias de lã vermelha, vinho vermelho, lareira vermelha. Um fogo interno me come, o externo arde docemente – como no *Soneto* de Camões.

Chegou Ulisses:

– Ó mulher minha – escondendo emoção – ninguém estará totalmente pronto para a vida e para o outro. Você, por exemplo, se isola voluntariamente das pessoas, como ave que se afasta do bando –.

– Ó amado meu, consegui o impossível de mim, um milagre nessa dor de existir. Porém continuo, como você, questionando sobre o Deus. O erro foi humanizarmos o Divino. Ele não se parece conosco. Nós é que deveríamos ser a Sua imagem e semelhança. Você como filósofo e professor de Filosofia o que diz?

– O primeiro motor que não foi movido por ninguém – Ulisses interrompeu a fala, as vistas se turvaram por um segundo –... que não foi movido por ninguém é mistério Se eu disser que Deus não tem sombra é porque eu penso o seguinte: